

MÓDULO INICIAÇÃO AO ECOTURISMO
Rio de Janeiro
2004

Prof. André Micaldas Corrêa
Biólogo, Especialista em Ecoturismo e Educação Ambiental
APRESENTAÇÃO

O módulo instrucional *Iniciação ao Ecoturismo* trata-se de um resumo do Livro Pólos de ecoturismo: planejamento e gestão, em que incluí outras informações. É de distribuição gratuita. Pode ser reproduzido na íntegra (preferencialmente), ou em parte, desde que citando a fonte e o autor, logo abaixo da reprodução. É proibida a venda. É destinado a utilização dos bacharéis e guias de Turismo, estudantes e professores de Biologia, de Ciências e de Geografia. Para utilizações em cursos, solicito que seja pedida autorização prévia. Esse material se encontra registrado na Biblioteca Nacional.

OBJETIVOS DO MÓDULO:

Divulgar o Turismo, o Ecoturismo e os temas correlatos.

Apresentar os Pólos de Ecoturismo presentes no Estado do Rio de Janeiro pré-requisitos e etapas para a sua implementação.

Apresentar o potencial ecoturístico do Brasil.

Apresentar algumas categorias de Unidades de Conservação presentes no Estado do Rio de Janeiro onde é permitido fazer Ecoturismo.

Atenção: Sugestões para a melhoria desse trabalho podem ser enviadas para

André Micaldas Corrêa
Rua Marques de São Vicente, no 67, bloco 2, atpo 1006, Gávea, Rio de Janeiro – RJ
CEP:22451-041
ou pelo e-mail andremicaldas@ig.com.br

1 – TURISMO

1.1 - DEFINIÇÃO:

Turismo é o deslocamento de uma ou mais pessoas de um local de origem para um destino para lazer, educação, cultura, etc, com retorno a origem. Envolve a prestação de um conjunto de serviços e da infra-estrutura própria para prestá-los.

1.2 - CARACTERÍSTICAS DA INDÚSTRIA DO TURISMO:

Pode gerar benefícios econômicos, sociais e ambientais. A indústria do Turismo é uma das líderes mundiais em movimentação de recursos e geração de empregos “sendo responsável por 192,2 milhões de empregos, número que deverá aumentar para 251,9 milhões até o ano de 2010” (OMT, 2000). Pode levar a melhoria da infra-estrutura local, municipal, estadual, regional e nacional. Um lugar só é bom para o turista se é bom para quem vive lá.

Depende da educação, instrução e organização da população de maneira geral e da comunidade local de maneira específica e do estado de conservação dos patrimônios histórico, artístico, cultural e natural.

Depende de uma gestão sustentada dos patrimônios histórico e artístico, se houver, mas principalmente dos patrimônios cultural e natural, o que está intimamente relacionada com o conceito de Desenvolvimento Sustentável.

Sofre inovações constantes em função da competitividade dos mercados e das exigências da demanda. O resultado da inovação é a especialização dos produtos destinados a uma clientela cada vez mais específica, o que acarretou na segmentação da indústria e aperfeiçoamento de qualquer profissional envolvido que ou cresce de complexidade ou decresce de complexidade em função da participação em congressos, seminários, cursos, palestras, saídas de campo e da leitura de livros e observação de programas de TV educativos.

Produz um produto específico, ou seja, com características próprias, em que entre outros aspectos podem ser citados “o consumo ocorrer simultaneamente à produção” e “o consumidor participa do processo de produção” (CROSBY s/d)..

Tem uma ética que o baseia.

1.3 - A ÉTICA DO TURISMO:

Definição: “Ética é o conjunto de valores que orientam o comportamento do homem em relação aos outros homens, na sociedade em que vive, em busca do bem estar social” (Motta 1998). Esses valores são quase unânimes, mas pode variar de uma sociedade para outra.

Princípios éticos:

- a) participação de todos no planejamento, solução dos problemas, divisão dos benefícios;
- b) defesa dos direitos de todos;
- c) respeito e valorização das diferenças sociais ambientais, culturais, religiosas e políticas;
- d) responsabilidade sobre os atos empreendidos, com consciência de suas conseqüências e reparo imediato em caso de erro, além do conhecimento dos efeitos negativos que podem afetar o turismo como o racismo, turismo sexual, aumento dos resíduos sólidos e do esgoto sanitário, coleta de animais e vegetais, conflito com a população local, para que sejam tomadas todas as precauções necessárias e
- e) prestação de informações precisas a todos os envolvidos”.

1.4 - POLÍTICA NACIONAL DO TURISMO:

A Política Nacional do Turismo foi estabelecida pela Lei 8181/91 e Decreto 448/92:

1.4.1 - FINALIDADE

Promover e incrementar o turismo como fonte de renda, de geração de emprego e desenvolvimento sócio-econômico do País.

1.4.2 - OBJETIVOS:

- a) preservar o meio ambiente, com desenvolvimento sustentado, melhoria da qualidade de vida e desenvolvimento regional (o conceito de meio ambiente);
- b) gerar divisas e empregos;
- c) formar mão de obra e produto turístico competitivo, inclusive com inserção no mercado internacional e
- d) satisfazer o cliente (melhor produto pelo preço ótimo).

1.5 - PROGRAMA NACIONAL DE MUNICIPALIZAÇÃO DO TURISMO (PNMT):

1.5.1 – FINALIDADE:

Desenvolver o turismo respeitando os aspectos sócios-culturais e ambientais, evitando impactos e gerando novas divisas e postos de trabalho no município, buscando prioritariamente a participação da comunidade nas decisões pertinentes aos próprios recursos.

1.5.2 – OBJETIVOS:

conscientizar (informar, sensibilizar) a comunidade local sobre a importância do turismo;

formar a comunidade local para o desenvolvimento do turismo.

descentralizar o poder normatizador transferindo ao município a competência para ordenar (prioridades) e equacionar as soluções locais;

elaborar instrumentos e métodos que ajudem os municípios a planejar adequadamente o turismo;

incentivar a formação de parcerias entre o poder público, a iniciativa privada e a sociedade civil organizada;

otimizar a prestação de serviços turísticos de forma a serem operacionalizados com qualidade e segurança e o produto ser melhor divulgado e vendido;

1.6 – SEGMENTOS DA INDÚSTRIA:

Os principais segmentos do Turismo são:

Turismo cultural;

Turismo esotérico;

Turismo da terceira idade;

Turismo esportivo;

Turismo de negócios;

Turismo náutico,

Turismo rural e

2 - ECOTURISMO

2.1 – RESUMO DO HISTÓRICO:

Em 1985, iniciaram-se as primeiras discussões no Brasil sobre Ecoturismo.

Em 1987, foi criada a Comissão Técnica Nacional formada pela parceria IBAMA/EMBRATUR para monitorar projetos de Ecoturismo.

Em 1992, foi realizado o Congresso Mundial de Ecoturismo em Belize.

Em 1994, foi assinada a Portaria Interministerial no. 001, de 20 de abril, que instituiu um Grupo de Trabalho com representantes dos Ministérios Indústria Comércio e Turismo, Meio Ambiente, IBAMA e EMBRATUR para propor uma Política e um Programa Nacional de Ecoturismo.

Nesse mesmo ano o GT elaborou o documento “Diretrizes para uma Política Nacional do Ecoturismo”.

Em 1995, foi realizada em Canela (RS), a 1ª Bienal de Ecoturismo de Canela, que culminou com a criação do Instituto do Ecoturismo do Brasil – IEB.

Obs.: diversos congressos, seminários, palestras tem sido realizados.

2.2 – DEFINIÇÕES:

O Ecoturismo pode ser entendido como “segmento da atividade turística que utiliza de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem estar das populações envolvidas” (Barros, 1994).

“O ecoturismo é a prática do turismo recreativo, esportivo ou educativo, que se utiliza de forma sustentável dos patrimônios natural e cultural, incentiva a conservação, promove a formação de consciência ambientalista e garante o bem estar das populações envolvidas”. (IEB, 1995).

É um instrumento de educação do turista e da comunidade local.

É uma atividade econômica (visa lucro) que exige uma abordagem multidisciplinar, planejamento, ética sócio-ambiental, postura profissional, respeito aos direitos do consumidor, livre concorrência e regras de mercado.

2.3 - AS BASES:

O ecoturismo é baseado num tripé:

Conservação (da biodiversidade e da sociodiversidade que depende da formação da consciência conservacionista do turista e da comunidade local; por isso normas de visitação são vantagens pois conservam o ambiente. Alguns instrumentos da Conservação são: criação e implantação de Unidades de Conservação, fiscalização, punição dos infratores, Educação Ambiental, recuperação de áreas degradadas, reprodução em cativeiro, reintrodução de espécies em áreas protegidas - veja o módulo instrucional Iniciação a Conservação Ambiental).

Melhoria da qualidade de vida (com participação dos governo, empresários, comunidade local e ongs no processo. Inclui geração de renda para as comunidades e investimento de parte dos lucros no ambiente e na comunidade com melhoria da saúde, do saneamento básico, dos meios de comunicação, da infra-estrutura local como rodovias, ruas, estradas, hospitais, restaurantes etc) e

Interpretação Ambiental (olhar e ver, através do qual se obtém o efeito “ah” só preservamos o que amamos, só amamos o que conhecemos, só conhecemos o que temos curiosidade para descobrir ou o que nos é apresentado - veja o módulo instrucional Iniciação a Interpretação Ambiental).

2.4 - CRESCIMENTO:

Ecoturismo é o segmento que mais cresce nessa indústria, aproximadamente “20% ao ano.” (ZIFFER. 1989). “Aproximadamente 10% das pessoas que viajam são ecoturistas” (BARROS 1994). As causas são a informação e sensibilização da sociedade pelas ongs e mídia).

2.5 – CLASSIFICAÇÃO DOS ECOTURISTAS:

Os ecoturistas podem ser classificados quanto:

2.5.1 – PROCEDÊNCIA:

nacional (demanda grande e não atendida. O Brasil não conhece o Brasil.) e

estrangeiro (USA, Europa acostumados com qualidade, segurança, comodidade e planejamento).

Obs.: a busca de qualidade do produto para o turista nacional preparará o produto para o turista estrangeiro.

2.5.2 – INTERESSE:

Especialista (biólogos, geógrafos, fotógrafos, observadores de fauna e flora, jornalistas, ambientalistas);

Estudantes (ensino fundamental, médio, técnico e graduação);

Típico (caminhante ou sedentário, mais ou menos exigente quanto à informação);

Desportivo (esportes de aventura, combatem o stress urbano com adrenalina);

2.6 - OBJETIVO DO ECOTURISTA:

a) ter contato com os atrativos naturais, com outras culturas representadas pelos costumes, tradições, festas e culinária locais e com outras pessoas. Os ecoturistas querem ter contato com o igual e com o diferente.

b) ter aventura com o mínimo de risco possível (máximo de segurança).

c) ter a oportunidade de descansar e sair da rotina.

2.7 - ESSENCIAL PARA O ECOTURISTA:

Áreas de elevado valor ecológico e cultural (o que o atrai é o que é colocado em risco. Paisagens de rara beleza cênica, biodiversidade, raridade e cultura própria são resultados de isolamento);

Áreas bem geridas (limpas e organizadas);

Infra-estrutura (rústico x sujo e desorganizado);

Recursos humanos formados, qualificados e especializados;

Informações corretas e precisas (toda informação tem um nível de segurança, todos nós somos ignorantes uns mais e outros menos, assim dizer não sei não é vergonha para ninguém, mas o aprendizado deve ser constante. Todos são alunos mas alguns se esquecem disso. Todos são professores mas alguns não sabem disso).

2.8 - ALGUMAS MODALIDADES DO ECOTURISMO:

2.8.1 - REQUISITOS BÁSICOS PARA A QUALQUER MODALIDADE:

operadoras e profissionais especializados (com conhecimento da atividade) e experientes (com tempo de atuação no mercado). Devem ter conhecimento do local (caminhos, infra-estrutura, meio-ambiente, clima etc);

equipamento adequado, com utilização precisa e normas de segurança (primeiros socorros e emergência) e termo de responsabilidade (TR);

grupos pequenos (“pouca gente em muitos lugares ao invés de muita gente num lugar só” o que leva a descentralização dos meios de hospedagem e das atividades) e

não mate nada a não ser o tempo; não tire nada do lugar a não ser fotos; não deixe nada a não ser pegadas; não leve nada a não ser recordações.

2.8.2 - MODALIDADES:

- a) Bóia cross (acquiraid): descida de corredeiras em câmaras de ar, de peito (remando), ou sentado.

Riscos: afogamentos e contusões.

Requisitos: saber nadar, condicionamento físico e treinamento básico de um dia, idade mínima sugerida de 10 anos.

Equipamentos: câmara de ar (pode ser revestida por capa e com alças), luva mão-de-pato, capacete, joelheiras, tornozeleiras, colete salva-vida, roupa de neoprene e tênis.

Atenção: cada rio tem uma classificação de dificuldade. A descida de corredeiras exige experiência.

- b) Canoagem: deslocamento em mar, ou rio utilizando canoa ou caiaque. Faz parte das Olimpíadas desde 1936.

Riscos: afogamentos e contusões.

Requisitos: saber nadar, saber desvirar o caiaque estando dentro dele e montar no caiaque na água, condicionamento físico, idade mínima sugerida de 10 ou 18 anos.

Equipamentos: caiaque de 2 ou 4 pessoas, capacete, colete salva-vida e remo com 1 ou 2 pás.

Atenção: cada rio tem uma classificação de dificuldade. A descida de corredeiras exige experiência. No mar existem ondas e correntezas. Cuidado nos locais onde existem pessoas.

- c) Canyoning: exploração de cânions. Iniciada no Brasil em 1990.

Riscos: quedas e contusões

Requisitos: condicionamento físico, curso com aulas teóricas e práticas antes da primeira experiência, idade mínima sugerida de 18 anos.

Equipamentos: capacete, cordas, mosquetões, boldrier, freio, condicionamento físico, descensores, mochila, luva e roupa de neoprene.

Atenção: Preserve a vegetação local. Não abra novas vias.

- d) **Cavalgada:** deslocamento a cavalo. Primeiras práticas muito antigas.
Risco: quedas e contusões, dor nas pernas, coice, mordidas do animal, cabeçadas em galhos baixos em trilhas fechadas e carrapatos.
Requisitos: noções básicas de equitação, idade mínima sugerida de 10 anos. Aulas de equitação ajudam.
Equipamentos: cavalo, cela, rédea, calça comprida, meias e bota ou tênis.
Atenção: Trate bem do animal. Cada raça tem sua característica. Existe uma animal para cada tipo de pessoa. O guia deve ter o animal mais rápido.
- e) **Caving:** exploração de cavernas. Atividade realizada no curso de Geologia e Espeleologia. Primeiras práticas na pré-história.
Risco: quedas e contusões, escoriações em passagens estreitas, esporos de fungos, animais peçonhentos, claustrofobia.
Requisitos: condicionamento físico, idade mínima sugerida de 18 anos.
Equipamentos: capacete com carbureteira, lanterna, par de pilhas extras, cordas, mosquetões, boldrier, freio, descensores, mochila, luva, roupa de neoprene, condicionamento físico.
Atenção: Preserve as formações locais (espeleotemas).
- f) **Escalada:** exploração de montanhas.
Risco: quedas e contusões, escoriações e animais peçonhentos.
Requisitos: condicionamento físico, curso com aulas teóricas e práticas antes da primeira experiência, 10 ou e 18 anos.
Equipamentos: capacete, cordas, mosquetões, boldrier, freio, condicionamento físico, descensores, mochila, luva, pó de magnésio.
Atenção: cada escalada tem uma classificação de dificuldade. Preserve a vegetação local. Não abra novas vias.
- g) **Mergulho (scuba diving):** exploração de rios, mares e cavernas (apnéia e livre).
Risco: afogamento, descompressão, animais perigosos (ouriços, moréias, barracudas, arraias, tubarões, anêmonas, águas-vivas, caravelas).
Requisitos: condicionamento físico, saber nadar, curso com aulas práticas e teóricas, idade mínima sugerida de 10 (apnéia) ou 18 anos.
Equipamentos: máscara, snorkel, pé de pato, cilindro de ar comprimido, roupa de neoprene, cinto de lastro, manômetro, profundímetro, bússola, relógio.
Atenção: cada mergulho tem uma classificação. Preserve os Corais. Algumas variedades incluem mergulho com tubarões com ou sem gaiola.

- h) Mountain Biking: andar de bicicleta em montanhas e trilhas
Risco: quedas, contusões e lesões.
Requisitos: condicionamento físico e saber andar de bicicleta e utilizar as marchas, idade mínima sugerida de 10 anos.
Equipamentos: bicicleta própria, capacete, luva, cotoveleira, joelheira, óculos, garrafa d'água.
Atenção: cada percurso tem um grau de dificuldade. Cuidado nas descidas. Cuidado nos locais onde existem pessoas. Preserve a vegetação.
- h) Rafting: descida de rio com corredeiras.
Risco: afogamento, escoriações e contusões.
Requisitos: condicionamento físico e seguir as instruções do comandante, idade mínima sugerida de 10 anos.
Equipamentos: bote, remo, camisa, tênis, capacete e colete salva-vidas.
Atenção: cada rio tem uma classificação de dificuldade. A descida de corredeiras exige experiência.
- i) Rapel: descida de paredões, cachoeiras, pontes, etc
Risco: quedas, escoriações e contusões,
Requisitos: condicionamento físico, curso com aulas teóricas e práticas antes da primeira experiência, idade mínima sugerida de 10 ou 18 anos.
Equipamentos: capacete, cordas, mosquetões, boldrier, freio, condicionamento físico, descensores, mochila, luva e roupa de neoprene.
Atenção: cuidado com cachoeiras que tem pessoas se banhando. Cuidado com a vegetação.
- j) Trekking: a palavra trekk foi criada no sec. XIX pelos Holandeses na África do Sul. Significa caminhada longa realizada entre dois pontos (saída e chegada), com esforço. Pode ou não haver retorno a saída. (com ou sem IA).
Risco: torsões, animais peçonhentos
Requisitos: condicionamento físico, vestuário, alimentação, conduta e equipamento próprios (apostila: Sugestões para visitantes de Unidades de Conservação, palestra própria).
Atenção: As variantes onde não existe competição são observação de aves, de flora e safari fotográfico. Pode envolver pernoite. As variantes onde existe competição são: regularidade (enduro a pé) e velocidade (corrida de aventura). Cada caminhada tem uma classificação do nível do esforço).

2.10 - A POLÍTICA NACIONAL DO ECOTURISMO (Ministérios Indústria Comércio e Turismo, Ministério do Meio Ambiente, IBAMA, EMBRATUR, ONGs e iniciativa privada):

2.10.1 - OBJETIVO GERAL:

Aproveitar as potencialidades naturais de cada região, com vistas ao seu desenvolvimento, compatibilizando as atividades de ecoturismo com a conservação ambiental e possibilitando a participação efetiva da comunidade dos segmentos que atuam no setor.

2.10.2 - OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

dotar o segmento do ecoturismo de estrutura legal própria, harmonizada com as esferas federal, estadual e municipal e de critérios e parâmetros adequados;

promover a articulação e o intercâmbio de informação e de experiências entre os órgãos governamentais e entidades do setor privado;

promover o desenvolvimento de metodologias, modelos e sistemas para o acompanhamento, avaliação e aperfeiçoamento da atividade de ecoturismo, abrangendo o setor privado;

realizar o levantamento de informações em nível nacional e internacional, visando a formação de um banco de dados e a obtenção de indicadores para o desenvolvimento do ecoturismo;

promover e estimular a criação e a adequação de incentivos par ao aprimoramento de tecnologias e de serviços, a ampliação da infraestrutura e a implementação de empreendimentos ecoturísticos prioritários;

buscar o engajamento das comunidades localizadas em destinos ecoturísticos potenciais e existentes, estimulando-as a identificar no ecoturismo atividades econômicas viáveis.

2.11 – AÇÕES ESTRATÉGICAS

Entre as ações estratégicas podem ser citadas:

Regulamentação do Ecoturismo;

Fortalecimento e Interação Interinstitucional;

Formação e Capacitação de Recursos Humanos;

Controle de Qualidade do Produto Ecoturístico;

Gerenciamento de Informações;

Incentivos ao Desenvolvimento do Ecoturismo;

Implantação e Adequação de Infra-estrutura;

Conscientização e Informação do Turista;

Participação Comunitária;

2.12 - IMPACTOS POSITIVOS E NEGATIVOS DO ECOTURISMO

A) – IMPACTOS POSITIVOS:

benefícios sociais (intercâmbio cultural, valorização da cultura local, trabalho saudável, fixação da população no interior, melhoramento de transporte, melhoria na saúde, no saneamento básico e nos meios de comunicação);

benefícios econômicos (geração de renda, trabalho e emprego, diversificação da economia regional - micro e pequenos negócios, desenvolvimento sustentável);

benefícios ambientais (mais conservação) e

benefícios pessoais: integração 1º com o ambiente, 2º intrapessoal e 3º interpessoal, aumento de cultura, vivências agradáveis.

B) IMPACTOS NEGATIVOS:

danos sociais (desvalorização e/ou extinção da cultura local);

danos econômicos (alijamento da comunidade local);

danos ambientais (poluição sonora, visual, resíduos sólidos, esgoto, incêndio florestal, caça e pesca em locais proibidos, coleta de animais, vegetais e minerais);

danos pessoais (morte, quedas, lesões, picadas por animais peçonhentos, incidentes e perder-se)

Obs.: se ocorrer qualquer impacto negativo o Projeto deve ser reavaliado e modificado, pois aspectos negativos não fazem parte do Ecoturismo.

2.13 – ENTRAVES PARA O DESENVOLVIMENTO DO ECOTURISMO NO BRASIL:

São entraves para o desenvolvimento do Ecoturismo:

ausência de consenso sobre a conceituação do segmento;

ausência de critérios, regulamentações e incentivos para empresários;

ainda é uma atividade desordenada e oportunista na maioria dos casos (pessoas não habilitadas prestando serviços e sem geração de benefícios sociais e ambientais);

falta de investimento na natureza e na comunidade local (“Apenas uma pequena parcela do dinheiro gasto pelos turistas permanece no próprio local ou próximo a ele.” (Lindberg, 95). A maioria é dos recursos e investido em marketing e no transporte;

ausência de pessoal em número, qualificação e especialização (ex: são raros os guias de turismo regional especializado em atrativos naturais que falam inglês com conhecimento da fauna e flora do local);

ausência de informação (a sinalização e Centro de Visitantes ou de Informação, são ausentes ou deficientes e a população é despreparada para prestar informações);

preços altos causados pela ganância e excesso de impostos;

Ensino de Ciências e Biologia deficiente na área natural (muitos professores de Ciência e Biologia são mal formados e incapazes de sensibilizar e informar corretamente a população sobre a natureza real);

burocracia e falta de ética nos 3 setores;

situação social do país e local como no caso do Brasil podemos observar violência, miséria, lixo, poluição em vários locais.

2.14 - SOLUÇÕES:

realização de eventos para se discutir o tema, apresentar experiências, estabelecer critérios, etc;

organização de empresários para busca de incentivo e representação nos governos municipal, estadual e federal, através de associações.

organização da atividade e da comunidade local (cadastramento, formação, certificação dos atores e implantação de Centros de Informação e de Visitantes);

Investimento na natureza e nas comunidades locais, através de projetos saúde e saneamento básico, de recuperação de áreas degradadas, Educação Ambiental, implantação de centros culturais, bibliotecas, museus, hortos, jardins botânicos, jardins zoológicos, criatórios de animais, Unidades de Conservação, tudo com participação da comunidade local;

formação, especialização e aperfeiçoamento contínuo de todos os profissionais envolvidos diretamente como guias e turismólogos, e indiretamente como professores de Ciências, Biologia e Geografia, através de eventos, cursos, palestras etc;

gestão participativa;

a formação de parceria entre trade turístico, ongs, governo municipal, comunidade civil organizada, setor privado, Administração das U.C., Instituições de Pesquisa, Ensino e Extensão;

implementação de Pólos de Ecoturismo e formação de câmaras, conselhos de Ecoturismo Nacional, Estadual, Municipal e local;

participação das comunidade locais nos lucros (direta e indiretamente, com emprego da mão-de-obra local e desenvolvimento de projetos sociais e ambientais);

3 - PÓLOS DE ECOTURISMO

3.1 – CONCEITO:

Área onde as atividades ecoturísticas já vem sendo desenvolvidas com sucesso, sendo promovidas por um número variável de agentes, ou locais com condições naturais especiais mas poucas atividades devido à falta de infra-estrutura e de organização.

3.2 – PRÉ-REQUISITOS:

Envolvem:

a existência ou criação de atrativos (1 - naturais - ecossistemas preservados, montanhas, cavernas, canyons, praias, ilhas, rios, cachoeiras, criatórios de animais, coleções botânicas, jardins, etc e 2 - culturais - museus, centros culturais, arquitetura, arte, artesanato, culinária, festas populares típicas, comunidades tradicionais e/ou 3 - históricos - sítios arqueológicos e históricos, prédios históricos, fortes, igrejas);

a existência, ou criação de Unidades de Conservação;

a existência, ou criação de infra-estrutura (hospedagem, restaurantes com comidas típicas, sistema viário bem conservado, rodoviária, meios de transporte - avião, ônibus, micro-ônibus, carro, barco – agências, centro de informação, sinalização, mapas, bancos, hospitais, mercados, farmácias, trilhas planejadas e geridas, mirantes, saneamento – água e esgoto - telefone, internet, luz elétrica);

a formação de pessoal qualificado (polícia, bombeiro, médico, guia, conzinheiro, atendentes);

a organização da comunidade local (em ongs e associações de moradores) e

a formação de parceria entre trade turístico, ongs, governo municipal, comunidade civil organizada, setor privado, Administração das U.C., Instituições de Pesquisa, Ensino e Extensão;

3.3 - ETAPAS PARA O ESTABELECIMENTO DE UM PÓLO DE ECOTURISMO:

Criação de pacto de interesses e intenções dos parceiros pautado nos princípios éticos e do desenvolvimento sustentável;

Criação de um Grupo Gestor multidisciplinar e multistitucional, formado por coordenadores, assessores, funcionários, consultores, administradores públicos, capazes de: criar, planejar, coordenar, avaliar, corrigir, programas, projetos, produtos e atividades, captar recursos, estabelecer parcerias, realizar reuniões, promover divulgação e marketing, representar o polo, organizar, formar e atualizar os recursos humanos, estabelecer o diálogo, contratar pessoal, adaptar o produto as exigências do mercado, assimilar novas tecnologias, promover aprendizagem em equipe, buscar alternativas e tomar decisões acertadas;

Criação de um modelo de gestão participativa específica com consciência ambiental, (quem faz o que, quando, porque, onde, como, em quanto tempo, por quanto, as chances de sucesso em quanto tempo, buscando um produto: a) de qualidade – produto de alto nível com danos ambientais mínimos; b) humano – sucesso econômico com desenvolvimento humano e ambiental gerando afeto intrapessoal, interpessoal e com ambiente; c) sustentável - contínuo);

Verificar se existe necessidade de licenciamento ambiental (IBAMA e Órgão Estadual e Municipal do Meio Ambiente);

Obter autorização para coleta para identificação, classificação de fauna, flora e recursos minerais observando a ética da coleta;

Em caso de necessidade de licença realizar EIA e RIMA;

Obter o Licenciamento Ambiental, através da:

- 1 Licença Prévia - LP - autorização para desenvolver o projeto de acordo com as exigências do EIA,RIMA;
- 2 Licença de Instalação - LI - autorização para construção após a LP
- 3 Licença de Operação obtida após a LI e a verificação se a construção atendeu EIA, RIMA.

Realizar o inventário dos atrativos, das U.C., da infra-estrutura, do pessoal qualificado gerando um banco de dados;

Formar pessoal;

Implantar produtos e atividades e realizar o marketing;

Operar;

Implantar a gestão participativa (todos buscam o melhor para todos sempre realizando avaliações e correções constantes).

3.4 – HISTÓRICO DO PROJETO DOS PÓLOS DE ECOTURISMO:

Projeto Pólo Ecoturístico do Lagamar – estabelecido pela EMBRATUR e SOS Mata Atlântica na porção paulista do Estuário Lagunar Iguape – Paranaguá, localizado em Cananéia, Pariquera-Açu, Ilha Comprida e Iguape - SP em 1995. Inclui Manguezal, Mata Atlântica, arquitetura colonial de fortes e casarões tombados. Criou 27 agentes emissivos na Capital de SP e capacitou 350 pessoas pelo SENAC/CET-SP. Produto: trekking, canoagem, bicicleta, observação de fauna durante 3 dias.

Criação do Projeto de Pólos de Ecoturismo no Brasil (EMBRATUR – IEB) com objetivos, fases determinadas.

3.5 - PÓLOS DE ECOTURISMO NO RIO DE JANEIRO

3.5.1 - RJ1 – PÓLO COSTA VERDE

Unidades formadoras: Itacurussa, Angra dos Reis, Mangaratiba e Parati

Fisionomia: litoral recortado, com belas praias e inúmeras ilhas do mais variados tamanhos, vegetação bastante preservada, inclusive pela existência de Unidades de Conservação como Estação Ecológica dos Tamoios, Parque Nacional da Serra da Bocaina, Parque Estadual da Ilha Grande, Parque Estadual Marinho do Aventureiro e Área de Proteção Ambiental de Cairuçu, RPPN Gleba do Saquinho Itapirapuã, RPPN Fazenda Santa Isabel e RPPN Fazenda Goiabal, muitos caminhos e trilhas pela mata, cachoeiras, fauna e flora, cenários deslumbrantes, região de colonização antiga, com

presença dos mais variados testemunhos históricos: igrejas, casarios, fortificações e fazendas.

Atrativos: locais para a prática de mergulho, passeios de barco, banhos, caminhadas e etc, arquitetura colonial, construções e calçamentos antigos, mirantes, praias selvagens e ilhas pouco visitadas, sítios arqueológicos, Parque Nacional da Serra da Bocaina, Parque Estadual da Ilha Grande, Parque Estadual Marinho do Aventureiro, observação de fauna e flora.

3.5.2 – RJ2 – PÓLO REGIÃO DE ITATIAIA

Unidades formadoras: Itatiaia, Penedo, Visconde de Mauá e Engenheiro Passos.

Fisionomia: relevo montanhoso, escarpado, com grandes altitudes, trechos com grandes afloramentos rochosos ou cobertos por vegetação exuberante, penhascos, cachoeiras, lagos, rios e piscinas naturais, forte influência de imigrantes europeus na arquitetura, vegetação bastante preservada, inclusive pela existência do Parque Nacional do Itatiaia.

Atrativos: locais para prática de escalada, caminhadas, observação de fauna e flora, piscinas naturais, rios de montanha e cachoeiras, artesanato, culinária e costumes finlandeses, alemães, etc, Parque Nacional do Itatiaia.

3.5.3 - RJ3 - PÓLO RIO/NITERÓI

Unidades formadoras: Rio de Janeiro e Niterói

Fisionomia: praias dos mais variados tipos, cercadas por trechos de Mata Atlântica, montanhas do tipo pão-de-açúcar, inúmeras ilhas, áreas de restinga e de manguezais, construções coloniais em meio a avenidas e prédios modernos.

Atrativos: APA de Grumari, APA da Prainha, Sítio Roberto Burle Marx, Parque Nacional da Tijuca, Museu do Açude, Pão-de-açúcar, Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Museu Nacional – UFRJ, Parque Estadual da Serra da Tiririca, Museu de Arte Contemporânea, etc, observação de fauna e flora, caminhadas e escaladas, construções coloniais em meio a avenidas e prédios modernos, culinária, etc.

3.5.4 – RJ4 – PÓLO REGIÃO SERRANA

Unidades Formadoras: Petrópolis, Teresópolis, Nova Friburgo e outros municípios.

Fisionomia: área de serras imponentes, com grandes altitudes. Picos rochosos e montanhas cobertas por vegetação natural, protegidas por Unidades de Conservação como APA Petrópolis e Parque Nacional da Serra dos Órgãos. Cidades históricas e propriedades rurais de grande influência européia.

Atrativos: capital nacional do montanhismo, Parque Nacional da Serra dos Órgãos é um local para escaladas e caminhadas 2h, 4h, 10h e 3 dias (travessia Petrópolis-Teresópolis), piscinas naturais, como Poço Verde, observação de fauna e flora, cenários de enorme beleza Pico do Dedo de Deus, Museu Imperial de Petrópolis e Casa de Santos Dumont, Orquidários Binot, Quinta do Lago e Aranda, culinária européia.

3.5.5 – RJ5 – PÓLO REGIÃO DOS LAGOS

Unidades Formadoras: Araruama, Arraial do Cabo, Armação de Búzios e Barra de São João.

Fisionomia: região litorânea de grande beleza, com muitas praias, ilhas e penínsulas, lagoas de água salgada permitem a prática de esportes náuticos e a extração de sal nas salinas, em Arraial do Cabo ocorre região de resurgência o que permite a pesca comercial, tal área é protegida pela Reserva Extrativista de Arraial do Cabo.

Atrativos: praias belíssimas, locais para observação de fauna subaquática, passeios de barco, culinária, igrejas antigas e fortes

3.5.6 – RJ6 - PÓLO VALE DO PARAÍBA

Unidades Formadoras: Conservatória, Valença, Vassouras, Mendes, Miguel Pereira, Pati do Alferes.

Fisionomia: região montanhosa, com vales e áreas mais planas, nas proximidades do rio Paraíba, cidades antigas com marcas da nobreza do tempo do império e fazendas históricas do ciclo do café.

Atrativos: áreas particulares adaptadas à visitação, à pesca esportiva, ao descanso, patrimônio histórico cultural: museus, casarões, igrejas e casas de cultura.

3.5.7 – RJ7 PÓLO COSTA DOCE

Unidades Formadoras: Macaé, Quissamã, Campos e São João da Barra.

Fisionomia: praias de grande beleza, rios e lagoas e uma das maiores áreas de restinga com enorme representação de fauna e flora características, protegida como Parque Nacional de Jurubatiba. As terras baixas forma uma enorme planície.

Atrativos: Parque Nacional de Jurubatiba, praias belíssimas, patrimônio histórico-cultural como faróis, igrejas, casas antigas.

4 - POTENCIAL ECOTURÍSTICO DO BRASIL:

4.1 – Características gerais:

Maior país tropical do mundo 8.511.596,3 km² (dimensões continentais)

Uma só língua, mas com sotaques e culturas regionais e locais (unidade e diversidade).

Zonas tropicais e temperada.

Proprietário e gestor da maior biodiversidade do planeta (10 a 20% das espécies).

Maior extensão de florestas tropicais 3,57 x 10⁶ km² (30%)

Litoral – 7.367 km

Sem guerras, furacões, tufões, terremotos, etc.

4.2 - Número de Espécies (classificadas até o momento)

Categoria/local	Mundo	Brasil	RJ
Angiospermas	220.000*	55.000*	?
Peixes ósseos	21.000***	3.000* (água doce)	107 (?)**
Anfíbios	4.020***	517*	159**
Répteis	5.847 ***	467*	119**
Aves	9.000***	1.622*	653**
Mamíferos	4.205***	450*	176**

Obs.: Fonte * - EMBRAPA, 1996, ** - BERGALLO et al, 2000, *** - POUGH et al, 1993

Obs.: o Problema é o que não se sabe e não se está tendo tempo para saber (“1,4 x 10⁶ classificados = 4,6% do total estimado de 30,43 x 10⁶” (EMBRAPA 1996).

5 – ECOTURISMO EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

Das diversas categorias de Unidades de Conservação o Ecoturismo é permitido em:

Parques Nacionais (Estaduais, Municipais),
Monumentos Naturais,
Refúgios da Vida Silvestre,
APAs (Federais, Estaduais, Municipais),
Florestas Nacionais (Estaduais, Municipais),
Reserva Extrativista,
Reserva da Fauna,
RDS,
RPPNs,

Obs.: Pesquisa realizada em 1988 com turistas do México, Costa Rica, Belize, Rep. Dominicana e Equador constatou que: 58% dos turistas visitaram 1 parque, 28% visitaram 2 parques e 13% visitaram 3 parques.

5.1 - PROBLEMAS DAS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO:

Falta de implantação (regularização fundiária e infra-estrutura – centro de visitantes ou de informação ausente ou deficiente, falta de guarita nas entradas, falta de prédio da administração);

Falta de pessoal (em número e qualificação; a fiscalização é deficiente);

Falta de informação (sinalização, pessoal e Centro de Visitantes ou de Informação, ausente ou deficiente);

Falta de atendimento ao público (ausência de Interpretação Ambiental e Educação Ambiental, exposições, finais de semana, durante a semana etc);

5.2 - PROBLEMAS DAS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO RELACIONADOS AO ECOTURISMO:

Ausência de centro de visitantes ou de informação, biblioteca, museus, alojamento, camping, local para alimentação, etc;

Ausência, ou pequeno número de funcionários formados e qualificados para o Ecoturismo;

Atuação de pessoas e empresas não credenciadas e qualificadas para o Ecoturismo;

Ausência de informação e/ou sinalização sobre infra-estrutura, trilhas, pousadas, guias, restaurantes etc;

5.6 - ALGUMAS SOLUÇÕES:

Implantação do centro de visitantes, centro de informação, biblioteca, museus, alojamento, camping, local para alimentação (funcionado de 2^a a domingo e com pessoal qualificado, atencioso e simpático);

Realização de concursos e contratações de pessoal qualificado e em número necessário;

Realização cadastramento, identificação, certificação dos atores do Ecoturismo (ex: guia amigo);

Estímulo ao Voluntariado;

Implantação da Interpretação Ambiental através de trilhas interpretativas e sinalização eficiente.

Realização de Educação Ambiental com visitantes e comunidade local.

6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUCNERJ. Atlas das Unidades de Conservação da Natureza do Estado do Rio de Janeiro, São Paulo, Meta Livros, 2001, 7p.

BARROS, S.M., Penha D.H.M. de La..Diretrizes para uma política nacional de ecoturismo. Brasília, EMBRATUR, 1994, 19p.

BERGALLO, H. de G. et al. Fauna ameaçada de extinção do Estado do Rio de Janeiro. Editora UERJ, 2000, 165p..

CNUMAD. Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. Rio de Janeiro, Centro de Informação das Nações Unidas, 1992.

CROSBY, A., MOREDA, A.. Desarrollo y Gestion del Turismo em Areas Rurales e Naturales. Madrid, Editora Centro Europeo de Formación Ambiental y Turística, s/d.

EMBRAPA. Atlas do meio ambiente. EMBRAPA, 2^a edição, 1996, 160p..

IEB - INSTITUTO DE ECOTURISMO DO BRASIL. 1^a Bienal de Canela. Canela, Ruschel & Associados, 1995.

ICLEI - The International Council for Local Environmental Initiatives. The Local Agenda 21 Planning Guide. Ottawa, 1996.

LINDBERG, K., HAWKINS, D.. Ecoturismo – um guia para planejamento e gestão. São Paulo, Editora SENAC, 1995.

MAGALHÃES, G.W..Pólos de ecoturismo: planejamento e gestão. São Paulo, Terragraph, 2001.MOTTA, J.- In MIRANDAS, S.M..Direito e ética. São Paulo, SENAC, 1998.

ODUM, E. P. Ecologia. Editora Guanabara, 1988, 434p..

OMT - Organização Mundial do Turismo. Código de Ética do Turismo. Brasília, EMBRATUR, 2000.

Pough, F. H., Heiser, J.B., McFarland, W.N.. A vida dos vertebrados. São Paulo, Atheneu Editora São Paulo, 1993.

ZIFFER, K.A..Ecotourism: the uneasy alliance. Washington, Conservation International, 1989.